

A reintrodução da verdade no campo do saber. Uma epistemologia para a psicanálise.

The reintroduction of truth in the field of knowledge. An epistemology for psychoanalysis.

PEDRO CARRERE

RESUMO:

Este artigo tenta esclarecer o alcance teórico do diagnóstico de Lacan de que a ciência moderna forclui a verdade. Essa questão é de vital interesse para nós, uma vez que o próprio Lacan propõe articular o estatuto epistêmico da psicanálise ao retorno, no saber, da verdade forcluída. Trata-se de tentar avançar no desenvolvimento de uma epistemologia para a psicanálise, começando por elucidar em relação a quais aspectos da ciência se refere esse retorno. Os desenvolvimentos aqui apresentados estão em consonância com a proposta de Lacan de "atrelar a psicanálise ao trem da ciência moderna",¹ mas considerando esta última do ponto de vista de algumas contribuições recentes da filosofia da ciência que questionam a epistemologia cartesiana.

PALAVRAS-CHAVE: ciência – saber – verdade – forclusão – necessidade – contingência.

ABSTRACT:

This work attempts to specify the theoretical scope of Lacan's diagnosis in terms of modern science forecloses the truth. This question is of vital interest for us given that Lacan himself proposes articulating the epistemic status of psychoanalysis to the return, in knowledge, of the foreclosed truth. It is about trying to advance in the development of an epistemology for psychoanalysis, starting from elucidating in relation to which aspects of science to refer this return. The developments presented here are aligned with Lacan's proposal to "hook psychoanalysis to the train of modern science" but considering the latter from some recent contributions to the philosophy of science that call into question Cartesian epistemology.

KEYWORDS: science – knowledge – truth – foreclosure – necessity – contingency.

As contribuições de Kuhn na década de 1960 incorporaram à reflexão epistemológica aspectos da ciência que transcendem a questão metodológica. Em sua obra mais famosa,² Kuhn propõe um termo com forte carga sociopolítica (revolução) para descrever os momentos da história da ciência em que um paradigma é substituído por outro:

¹ Lacan, J. (2007). *El seminario. Libro 11*. Aula de 29 de abril de 1964. Buenos Aires: Paidós. p. 166. (Tradução nossa).

² Kuhn, T. (2004). *La estructura de las revoluciones científicas*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

[...] Como nas revoluções políticas, assim também na escolha de um paradigma: não há padrão mais elevado do que a aceitação da comunidade relevante. Para descobrir como as revoluções científicas ocorrem, teremos de examinar não apenas o efeito da natureza e da lógica, mas também as técnicas de argumentação persuasiva, eficazes dentro dos grupos muito especiais que constituem a comunidade de cientistas.³

Em oposição a ideias como as de Leibniz, que postulou o cálculo como o modelo argumentativo para resolver qualquer discussão, a proposta de Kuhn questiona o fato de as controvérsias científicas serem resolvidas por sua redução à argumentação lógica. Isso significa que a ciência, apesar de suas virtudes em relação a outros campos do saber, não tem uma metalinguagem a partir da qual possa resolver um confronto entre paradigmas. É por isso que, em períodos de discussão entre diferentes teorias, geralmente acontece que cada um dos grupos opostos defenda sua posição a partir de sua própria estrutura conceitual. Isso é o que Kuhn define como incomensurabilidade entre paradigmas.

Se aceitarmos a descrição de Kuhn, fica claro que o desenvolvimento científico não está exclusivamente vinculado a questões metodológicas, como historicamente afirmado pelos estudos cartesianos, mas também envolve aspectos que tradicionalmente têm sido excluídos da reflexão científica. Nas palavras de Ester Diaz:

[...] trata-se de iniciar o caminho para uma epistemologia estendida à reflexão ética e também à reflexão político-social, na qual se considera não só o processo racional de invenção de teorias e sua possível (e discutível) justificação, mas também sua carga axiológica, que se manifesta plenamente quando enfatizamos a dimensão institucional e social da ciência considerada como uma atividade que se desenvolve em múltiplas esferas ou contextos.⁴

Considero que a perspectiva epistêmica, iniciada com Kuhn, está ligada a uma das maneiras pelas quais Lacan especificou a função da psicanálise como uma resposta ao mal-estar de nossas sociedades: reintroduzir a verdade, excluída pela ciência, no campo do saber.

De acordo com Lacan, a manobra filosófica na origem da ciência moderna é a forclusão da verdade. O problema da verdade é rejeitado ou, em outras palavras, reduzido, por meio da

³ Ibid. p.152. (Tradução nossa).

⁴ Diaz, E. e Rivera, S. (2017). *Algunas consideraciones para una ética aplicada a la investigación científica*. p. 3. (Tradução nossa).

matematização da natureza,⁵ àquilo que pode ser formalmente demonstrado. Apelando para a teoria aristotélica da causa, Lacan diz:

[...] a incidência **da verdade como causa na ciência** deve ser reconhecida sob o aspecto da **causa formal**.⁶

[...] esse aspecto no qual **a ciência** se sustentaria: **o da verdade como causa, ela não quereria saber nada**.⁷

[...] a **psicanálise**, por outro lado, enfatiza seu aspecto de **causa material**. É assim que a sua **originalidade na ciência** deve ser qualificada. Essa causa material é propriamente **a forma de incidência do significante que defino nela**.^{8, 9}

A ciência forclui a verdade ou, em outras palavras, a reduz à causa formal. A causa formal aristotélica refere-se ao fato de que a forma de algo é o que determina a essência desse algo. Isso é precisamente o que se encontra na lógica formal, que tenta resolver a questão da validade do raciocínio exclusivamente com base na forma lógica dos argumentos.

O que é interessante aqui é destacar a equivalência de Lacan entre a tentativa de resolver a questão da verdade reduzindo-a a termos formais e a própria rejeição da verdade. A tentativa de formalizar totalmente a verdade é, portanto, a manobra de forclusão da ciência moderna.

Esse distanciamento dos fundamentos epistêmicos da modernidade não significa o abandono da pretensão de uma psicanálise científica. Pelo contrário, as possibilidades da psicanálise como disciplina científica são colocadas, para Lacan, em relação àqueles lugares, no campo da ciência, onde a verdade forcluída retorna. A partir desse retorno, é possível uma posição epistêmica que não reduz a ciência à questão lógico-formal, mas inclui aspectos rejeitados pela epistemologia cartesiana, dando conta da materialidade significativa do saber.

Em outras palavras, essa reintrodução da verdade e do significante no campo do saber científico alude ao que Lacan chamou de "sujeito da ciência", uma noção que se refere à existência do inconsciente como um efeito antinômico em relação à tentativa moderna de "suturar o sujeito"¹⁰ ou à forclusão da verdade.

⁵ É Koyré quem define a ciência moderna como "a ciência matemática da natureza". Em Koyré, A. (2007). *Estudios de historia del pensamiento científico*. México D.F.: Siglo XXI. p. 68.

⁶ Lacan, J. (2009). Ciência e verdade. Em *Escritos 2*. México D.F.: Siglo XXI Editores. p. 831. (Tradução nossa).

⁷ Ibid. p. 830. (Tradução nossa).

⁸ Ibid. p. 831. (Tradução nossa).

⁹ (Grifo do autor).

¹⁰ Ibid. p. 814. (Tradução nossa).

O tema da ciência está intimamente relacionado ao que Bruno Latour define como os "híbridos", efeito inesperado da "constituição moderna".¹¹ Enquanto o pensamento moderno é organizado em torno de dualismos entre instâncias opostas e excludentes – natureza e cultura, mente e corpo, doxa e episteme, realidade e ficção, sujeito e objeto, ciência e política, saber e verdade etc. –, os híbridos aludem aos lugares onde essas distinções parecem se dissolver.

O termo "constituição", geralmente referido à divisão de poderes dentro dos estados modernos, é usado aqui por Latour para explicar outra divisão paradigmática da modernidade: aquela entre o mundo natural e o mundo social. Ao conceber uma natureza objetiva, purificada de aspectos sociais ou subjetivos, os cientistas, de acordo com Latour, "fingiram esquecer o poder político e negar aos híbridos qualquer eficácia, enquanto os multiplicavam".¹²

A descrição de Latour dos híbridos, como um efeito negado e ao mesmo tempo produzido pelo esquecimento da ciência, mantém a mesma estrutura argumentativa que Lacan dá à sua descrição do sujeito da ciência: o efeito antinômico da tentativa moderna de um sujeito suturado. A ciência que exclui a verdade produz, infalivelmente e ao mesmo tempo, seu retorno.

Nunca fomos modernos, diz Latour. Podemos argumentar essa afirmação em nossos próprios termos. Com Lacan podemos dizer que nunca fomos modernos porque o sujeito da ciência, o sujeito do inconsciente, existe, como os híbridos, desde a própria origem da tentativa de sutura da ciência moderna, como efeito do seu fracasso.

A psicanálise, na medida em que se propõe como uma resposta ao mal-estar específico da modernidade, terá de se apoiar no questionamento desses dualismos, como Lacan faz em vários lugares. O questionamento explícito de Lacan sobre a distinção sujeito-objeto como um modelo explicativo do objeto na psicanálise serve como exemplo:

Todas as confusões com as quais a teoria analítica tem sido embaraçada até agora são consequências disso: de uma tentativa, [...] de reduzir o que nos é imposto, ou seja, essa busca pelo status do objeto do desejo, para reduzi-lo a algumas referências já conhecidas, entre as quais a mais simples e mais comum é a do status do objeto da ciência, na medida em que uma epistemologia filosófica o organiza na oposição última e radical sujeito-objeto.¹³

¹¹ Latour, B. (2012). *Nunca fuimos modernos*. Buenos Aires: Siglo XXI. p. 32. (Tradução nossa).

¹² Ibid. p. 24. (Tradução nossa).

¹³ Lacan, J. (1962). *El seminario. Libro 9*. Aula de 6 de junho de 1962. Versão crítica de Ricardo Rodríguez Ponte para circulação interna da Escuela Freudiana de Buenos Aires. p. 13. (Tradução nossa).

O conceito de verdade, consistente com a dissolução dos dualismos modernos, será uma verdade sempre dita pela metade, ou híbrida, se preferirmos manter o termo latouriano. Ele reflete uma tendência que vai contra a reivindicação moderna de saber universal e a-histórico sobre o mundo e se aproxima muito do que Ricardo Gomez, seguindo Kitcher, chamou de "verdade significativa":

[...] o objetivo das ciências não é a verdade (às secas), mas a verdade significativa, que é dependente do contexto, porque o que é significativo para um contexto pode não ser para outros.¹⁴

A verdade é dita pela metade porque o seu valor como verdade é relativo a um contexto discursivo específico. Essa é a dimensão da verdade que a psicanálise reintroduz no campo do saber.

Em resposta ao mencionado "esquecimento" dos cientistas, Latour distingue entre ciência elaborada e ciência em processo de elaboração,¹⁵ e propõe lidar com esta última a fim de recuperar os momentos controversos – referindo-se a questões metodológicas, mas também políticas, ideológicas etc. – que fazem parte da história do saber científico. Como diz Lakatos, "a história da ciência é sempre mais rica do que a sua reconstrução racional".¹⁶

Vejam como as seguintes afirmações de Lacan estão em sintonia com a perspectiva epistêmica de Latour:

[...] a ciência, se olharmos com cuidado, não tem memória. **Ela se esquece das vicissitudes das quais nasceu**, quando se constitui; em outras palavras, uma dimensão da verdade que a psicanálise coloca aqui em pleno exercício.¹⁷

Em todo saber há, uma vez constituído, uma dimensão de erro, a de esquecer a função criadora da verdade em sua forma nascente [...]. Mas nós, analistas, que trabalhamos na **dimensão dessa verdade em seu estado nascente**, não podemos esquecê-la [...]. **Tudo o que opera no campo da ação analítica é anterior à constituição do saber [...].**^{18, 19}

¹⁴ Gomez, R. (2014). *La dimensión valorativa de las ciencias. Hacia una filosofía política*. Capítulo VIII: Philip Kitcher: *Ciencias e valores ético-políticos*. Buenos Aires: Editorial Universidad Nacional de Quilmes. p. 124. (Tradução nossa).

¹⁵ Latour, B. (1992). *Science in action. How to follow scientists and engineers through society*. Barcelona: Labor. p. 3.

¹⁶ Lakatos, I. (1987). *Historia de la ciencia y sus reconstrucciones racionales*. Madri: Tecnos. p. 38. (Tradução nossa).

¹⁷ Lacan, J. (2009). *Ciência e verdade*. Em *Escritos 2*. México D.F.: Siglo XXI Editores. p. 826. (Tradução nossa).

¹⁸ Lacan, J. (2008). *El seminario. Libro 2*. Aula de 1º de dezembro de 1954. Buenos Aires: Paidós. p. 36. (Tradução nossa).

¹⁹ (Grifo do autor).

O que Lacan diz, no meu entendimento, é que a prática analítica se dirige a um momento anterior à constituição do saber, porque ela se preocupa com os processos de elaboração do saber. Essa proposta está ligada à ideia de que o sofrimento de nossos analisandos se sustenta, precisamente, em um saber constituído, que deve ser questionado considerando-o como produto de uma elaboração particular.

A psicanálise de Lacan opera, então, na direção oposta ao esquecimento em que se baseia o saber constituído da ciência. O nosso modo de nos vincularmos ao saber será orientado para a recuperação dessas "vicissitudes" das quais ele deriva, pois é em relação a elas que se articula a dimensão da verdade recuperada pela psicanálise. É, em suma, o que fazemos todos os dias na nossa prática como analistas: a partir de uma falha sintomática num saber constituído, traçar a sua história de elaboração para que uma verdade rejeitada possa falar ali.²⁰

Atentar para o saber a partir dos seus processos de elaboração pressupõe que o saber não seja necessário, mas contingente. Essa suposição é o que dá sentido à própria *práxis* analítica, como uma operação sobre o saber. Um saber necessário nunca poderia ser modificado. O caráter contingente do saber possibilita sua modificação por meio da produção de novas articulações e o conseqüente surgimento de verdades, até então rejeitadas.

A consideração da verdade como causa material, ou seja, a incidência do significante no campo da ciência, supõe que o saber não se reduza a ser a conclusão necessária a que se chega pelos meios formais do método. O saber não consegue se libertar das vicissitudes das quais nasceu. Em vez disso, ele será o produto das condições particulares que orientam o desenvolvimento de cada investigação. É em relação a essas condições que Lacan propõe a noção de "desejo do analista" como uma alternativa ao objetivismo freudiano. Outros autores, na mesma linha, chegam a falar de "ideologia científica":

Mesmo na matemática e na lógica, e ainda mais na física, a seleção de problemas e suas abordagens correspondentes por aqueles que trabalham nas ciências, bem como o padrão de pensamento científico de uma época, são socialmente condicionados, que é precisamente o que queremos dizer quando falamos de ideologia científica, em vez de nos referirmos à percepção cada vez mais perfeita de verdades científicas objetivas.²¹

²⁰ [...] o sintoma, que se articula pelo fato de representar o retorno da verdade como tal no fracasso de um saber". Lacan, J. (2009). Do sujeito finalmente interrogado. Em *Escritos I*. México D.F.: Siglo XXI. p. 227.

²¹ Schumpeter, J (1969). Science and ideology. *Investigación Económica* Vol. 29, No. 115. Facultad de Economía, Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). (Tradução nossa).

A questão da seleção dos problemas de pesquisa, ou seja, o que, como e com que finalidade a pesquisa deve ser realizada, como o processo deve ser financiado, quais são os valores ético-morais e os aspectos ideológicos que orientam a pesquisa, são questões que afastam a reflexão epistemológica das posições objetivistas e introduzem o problema do significado e da verdade. Nessa perspectiva, o valor de cada fato científico não será determinado exclusivamente por seu aspecto lógico-formal, mas dependerá de sua articulação numa rede particular de elementos, muitos dos quais são tradicionalmente considerados externos ao campo científico.

A incidência do significante na ciência supõe, em suma, considerar o saber científico sob a mesma lógica que orienta a nossa leitura como analistas, proposta explicitada por Lacan, por exemplo, quando ele homologa o saber científico e o inconsciente.²²

A forclusão dessa dimensão do saber pode nos levar a acreditar numa ciência tão pura, na qual todo o progresso científico seja sempre considerado desejável. A história mostra, no entanto, que qualquer apelo à pureza epistêmica da ciência pode ser equivocado e até perigoso.²³

Em relação a esse questionamento da pureza epistêmica da ciência, Lacan diz:

Sem dúvida, as maneiras pelas quais a verdade é descoberta são insondáveis, e houve até mesmo matemáticos que confessaram tê-la visto em sonhos ou ter tropeçado nela em alguma colisão trivial.²⁴ Mas é decente expor sua descoberta como se ela viesse de um comportamento mais compatível com a pureza da ideia. Assim como a esposa de César,²⁵ não se deve suspeitar da ciência.²⁶

O saber científico, além do nível de formalização que pode alcançar em cada um de seus desenvolvimentos, precisa ser considerado à luz de uma instância de alteridade – os valores da comunidade, as questões éticas, a dimensão política, o contexto histórico, os contextos institucionais nos quais a prática científica concreta ocorre, etc. – para ser valorizado de forma justa.

²² "A questão de introduzir um discurso científico que diz respeito ao conhecimento é interrogá-lo onde ele está, esse conhecimento, isto é, no inconsciente". Lacan, J. (1973). *El seminario. Libro 20*. Aula de 26 de junho de 1973. Tradução de Ricardo E. Rodríguez Ponte para circulação interna da Escuela Freudiana de Buenos Aires. p. 9.

²³ Recomendo, neste ponto, fazer referência ao filme "Oppenheimer".

²⁴ Ele se refere, por exemplo, à invenção das funções fuchsianas por Poincaré quando ele entrou em um ônibus durante suas férias.

²⁵ Ele faz alusão ao que é conhecido como o escândalo de Pompéia: a esposa de César, quando ele aspirava a se tornar imperador, participava de reuniões às quais somente as mulheres podiam comparecer. Os homens suspeitavam de comportamento luxurioso, pois as mulheres eram consideradas depravadas e promíscuas por natureza. No entanto, apesar do fato de que as reuniões de fato não eram frequentadas por homens e que Pompeia não havia sido infiel, César decidiu se divorciar dela para evitar qualquer suspeita e lavar sua imagem, e é atribuída a ele a frase: "A esposa de César deve estar acima de qualquer suspeita".

²⁶ Lacan, J. (2009). Além do princípio de realidade. Em *Escritos 1*. México D.F.: Siglo XXI. p. 92. (Tradução nossa).

Essa irreducibilidade do saber a um método formal e neutro em termos de valores se aplica, para Lacan, à ciência como um todo, incluindo a física:

[...] Sem entrar no terreno epistemológico, diremos desde já que a ciência da física, por mais purificada que se apresente de todas as categorias intuitivas em seu progresso moderno, não deixa de revelar, e certamente de maneira surpreendente, a estrutura da inteligência que a construiu.²⁷

Ou seja, todo saber, por mais purificado de intuições que pretenda ser, por mais formalizado que seja, não perde o seu caráter contingente. A psicanálise pode fortalecer os seus vínculos com a ciência a partir de uma perspectiva epistêmica na qual até mesmo a física é produto da inteligência humana. Nela, o saber não será mais a representação fiel ou o espelho da natureza,²⁸ mas uma articulação de significantes sustentada pelo desejo do pesquisador.

A afirmação de Lacan sobre a física tem pontos de contato com as ideias do sociólogo Andrew Pickering, que, em seu livro *Constructing Quarks*,²⁹ argumenta que o estado atual da física, incluindo os *quarks* (conhecidos como os tijolos do universo), é contingente, uma vez que a física poderia ter sido desenvolvida com sucesso de muitas outras maneiras. Para entender o verdadeiro significado da proposta de Pickering, vale a pena o esclarecimento de Ian Hacking:

Em nenhum momento Pickering nega a existência de *quarks*. Ele apenas afirma que a física não precisava seguir o caminho dos *quarks*.³⁰

Ou seja, em última análise, não havia necessidade de fazê-lo.

Palavras finais

O saber científico, assim como o inconsciente, não é um saber descritivo sobre um objeto imutável. Não é uma representação interna e subjetiva de uma realidade externa e objetiva, mas uma produção interativa entre o sujeito e o objeto, ligada à maneira pela qual o cientista é capaz de construir e questionar a realidade. O saber científico, assim como o inconsciente, falará pela boca

²⁷ Ibid. p. 93. (Tradução nossa).

²⁸ Rorty, R. (2001). *Philosophy and the mirror of nature*. Madri: Catedra.

²⁹ Pickering, A. (1999). *Constructing Quarks. A Sociological History of Particle Physics*. Chicago. University of Chicago Press.

³⁰ Hacking, I. (2001). *The Social Construction of What?* Barcelona: Paidós Ibérica. p. 121. (Tradução nossa).

do pesquisador e das suas circunstâncias.³¹ Ou seja, sua articulação será sustentada por um desejo sempre contingente.

Essas ideias nos levam a considerar um sujeito da ciência que, diferentemente do sujeito cartesiano, não é mais definido pela divisão entre saber e verdade. O próprio Lacan se propõe a dissolver essa divisão quando faz com que o saber e a verdade "convirjam" para uma banda de Moebius.³² A verdade não será mais uma dimensão separada do saber, mas, nessa nova perspectiva, o saber perde a sua pureza epistêmica ao não conseguir se desvencilhar dos seus vínculos com a verdade, como a ciência moderna pretendia originalmente. A posição de Lacan a esse respeito é bastante clara:

Não pense que eu acho que existe um campo da verdade e um campo do saber.³³

A partir da dissolução dessa distinção, surge uma nova dimensão do sujeito da ciência. Ela não será mais caracterizada pela distinção moderna entre saber e verdade. A reintrodução da verdade no saber, ao contrário da tentativa de purificação dos métodos lógico-formais, produz uma nova distinção, não mais entre saber e verdade, mas entre saber e necessidade.

As possibilidades da psicanálise de produzir transformações no saber devem-se precisamente ao fato de que nenhum saber é necessário. Pelo contrário, o saber, devido ao seu caráter contingente, sempre estará em condições de ser modificado. Isso ocorrerá toda vez que o trabalho analítico for capaz, por meio de uma articulação superadora no saber, de fazer emergir uma verdade desconhecida.

³¹ Lacan afirma que o inconsciente fala "pela boca do analista". Lacan, J. (2007). *El seminario. Libro 11*. Aula de 15 de abril de 1964. Paidós. p. 137.

³² Lacan, J. (2009). A ciência e a verdade. Em *Escritos 2*. México D.F.: Siglo XXI Editores. p. 814.

³³ Lacan, J. (1965). *El Seminario. Libro 13*. Aula de 15 de dezembro de 1965. Versão Escuela Freudiana de la Argentina. (Tradução nossa).

BIBLIOGRAFIA:

1. Diaz, E. e Rivera, S. (2017). Algunas consideraciones para una ética aplicada a la investigación científica.
2. Gomez, R. (2014). *La dimensión valorativa de las ciências. Hacia una filosofía política*. Capítulo VIII. Buenos Aires: Editorial Universidad Nacional de Quilmes.
3. Hacking, I. (2001). *The social construction of what?* Barcelona: Paidós Ibérica.
4. Kitcher, P. *Ciências e valores ético-políticos*. Buenos Aires: Editorial Universidad Nacional de Quilmes.
5. Koyré, A. (2007). *Estudios de historia del pensamiento científico*. México D.F.: Siglo XXI.
6. Kuhn, T. (2004). *La estructura de las revoluciones científicas*. Buenos Aires: Fundo de Cultura Econômica.
7. Lacan, J. (1962). *El seminario. Libro 9*. Aula de 6 de junho de 1962. Versão crítica de Ricardo Rodríguez Ponte para circulação interna da Escuela Freudiana de Buenos Aires.
8. Lacan, J. (1965). *El seminario. Libro 13*. Aula de 15 de dezembro de 1965. Versão Escuela Freudiana de la Argentina.
9. Lacan, J. (1973). *El seminario. Libro 20*. Aula de 26 de junho de 1973. Tradução de Ricardo E. Rodríguez Ponte para circulação interna da Escuela Freudiana de Buenos Aires.
10. Lacan, J. (2007). *El seminario. Libro 11*. Aulas de 15 e 29 de abril de 1964. Buenos Aires: Paidós
11. Lacan, J. (2008). *El seminario. Libro 2*. Aula de 1º de dezembro de 1954. Buenos Aires: Paidós.
12. Lacan, J. (2009). A ciência e a verdade. Em *Escritos 2*. México D.F.: Siglo XXI Ed.
13. Lacan, J. (2009). Do sujeito finalmente interrogado. Em *Escritos 1*. México D.F.: Siglo XXI Ed.
14. Lacan, J. (2009). Além do princípio de realidade. Em *Escritos 1*. México D.F.: Siglo XXI Ed.
15. Lakatos, I. (1987). *Historia de la ciencia y sus reconstrucciones racionales*. Madri: Tecnos.
16. Latour, B. (1992). *Science in action. How to follow scientists and engineers trough society*. Barcelona: Labor.
17. Latour, B. (2012). *Nunca fuimos modernos*. Buenos Aires: Siglo XXI.
18. Pickering, A. (1999). *Constructing Quarks. A Sociological History of Particle Physics*. Chicago: University of Chicago Press.
19. Rorty, R. (2001). *Philosophy and the mirror of nature*. Madri: Catedra.
20. Schumpeter, J. (1969). Science and ideology. *Investigación Económica* Vol. 29, No. 115, Facultad de Economía, Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM).

PEDRO CARRERE

Licenciado em Psicologia (U.B.A.). Sócio da Apertura Para Otro Lacan (APOLa) Buenos Aires.

E-mail: pedro_carrere@hotmail.com